



A AFETIVIDADE COMO ELEMENTO CATALISADOR DA APRENDIZAGEM: aquisição/evolução da leitura e da escrita.

Nizandria dos Santos Pompeu¹

Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo²

Eixo temático: 8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar.

Resumo: Esse trabalho é oriundo de uma pesquisa de mestrado e visa averiguar como a afetividade pode ser utilizada como elemento catalisador da aprendizagem, na aquisição/evolução da leitura e da escrita, nas séries iniciais do ensino fundamental. Analisando a relevância de lidar com a dimensão afetiva, que é tão relevante quanto lidar com a dimensão cognitiva, no ambiente escolar. A metodologia usada é a abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, utilizando a entrevista semiestruturada. No referencial teórico partimos dos desígnios de Vygotsky, que elenca que há uma relação entre a afetividade, cognição e o ambiente social e que uma extensão influencia a outra. Nesse contexto, os processos de internalização e desenvolvimento ocorrem de acordo com a mediação que se dá em meio as relações com o outro. De acordo com a pesquisa que se encontra em andamento, a afetividade marca presença nas relações de ensino, assim como no desenvolvimento humano, junto as suas interfaces. Podendo ser visualizada, no estímulo a singularização do indivíduo em formação, junto as práticas pedagógicas que visam gerar mudanças, utilizando de modo integral aspectos cognitivos e afetivos para propiciar resultados satisfatórios para a leitura e a escrita.

Palavras-chaves: Afetividade; Leitura; Escrita; Ensino; Aprendizagem.

Introdução

Por se fazer presente em nossa rotina, assim como a educação, a afetividade

¹ Especialista em Informática Educativa. Mestranda em Educação e Cultura pela UFPA-Campus Cametá. Contato: pompeu.nizandria@gmail.com

² Doutor em Educação. Professor na UFPA. Contato: falabelo@ufpa.br

consegue se apresentar de diferentes maneiras. No ambiente escolar é comum, durante a educação infantil e o ensino fundamental menor que a(s) professora(s) utilize(m) decorações e atividades lúdicas impregnadas de afeto, no intuito de alcançar as competências necessárias à aprendizagem de seus alunos, conforme o ano/série que está sendo cursado.

Nesse sentido, cabe uma investigação a cerca de como a afetividade pode ser empregada como elemento catalisador da aprendizagem, durante a aquisição/evolução da leitura e da escrita. Iniciando a partir dos pressupostos sócio-interacionistas defendidos e divulgados por Vygotsky, que enfatizava que a relação com o conhecimento acontece mediada pelos objetos, conforme interação com o outro, no intuito de promover a subjetividade e o desenvolvimento de habilidades.

Para Pereira (2007), lidar com a dimensão afetiva deve ser tão relevante, o quanto lidar com as dimensões cognitivas. Pois, quando o conhecimento está sendo edificado também ocorrem interações de cunho histórico, social e biológico que se associam e influenciam na cognição do indivíduo.

Proporcionar a criação, assim como manter um vínculo afetivo em sala de aula amplia os horizontes do educando que está em processo de aquisição/evolução das competências em leitura e escrita. Ao nutrir o vínculo afetivo, com o objetivo de ultrapassar a mera relação mecânica entre professor x aluno, acontece a melhoria na didática do profissional e avanços significativos na aprendizagem da turma.

Por isso, temos como objetivos: identificar como a afetividade se manifesta no processo ensino/aprendizagem da aquisição/evolução da leitura e da escrita, analisando a relação entre afetividade e a aprendizagem em alunos que ainda não dominam essas competências, no intuito de empregar possíveis estratégias pedagógicas no sentido de possibilitar que os mesmos desenvolvam o ler e o escrever com qualidade.

“A aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança” (OLIVEIRA, pág. 33, 1992). Essa fala de Oliveira, parte de seus estudos sobre Vygotsky, que enfatiza que a evolução da aprendizagem decorre da articulação feita pela interferência educativa realizada pelo professor, que pode utilizar a afetividade com a finalidade de somar nesse processo.

Gerando uma necessária reflexão sobre as interações que acontecem em sala de aula durante o processo ensino/aprendizagem no intuito visibilizar através de quais meios/métodos que são empregados para catalisar a aquisição/evolução da leitura, assim como da escrita. A escola possui um papel extremamente relevante, que aplica através do trabalho da professora que é responsável por transmitir os conhecimentos historicamente acumulados. Por meio dos desígnios de Vygotsky, buscamos observar a formação de conceitos que se constitui na durante o encontro de pensamento e linguagem, embasados pela mediação e

internalização.

2 Fundamentação teórica

No decorrer de suas pesquisas Vygotsky, elucidou que a base afetiva é requisito primordial para que se compreenda de modo integral o pensamento humano. Para o autor e seus seguidores, não pode haver separação entre afeto e cognição, porque separadas ambas as unidades perdem sentido e utilidade, e quando interligadas possibilitam um gama de manifestações que culminam de forma ampla e complexa com a aprendizagem dos indivíduos.

“A afetividade é um requisito fundamental no desenvolvimento do ser humano, pois através dela, podemos perceber a evolução dos indivíduos em sua relação com o conhecimento” (FALABELO, 2005, pág. 22). Para se obter resultados satisfatórios, a associação entre afetividade e cognição, ambas necessitam estar atreladas, objetivando extrapolar o paradigma de educação mecanizada.

Utilizando a afetividade em sua prática educativa, o professor tem maiores possibilidades de despertar o interesse dos alunos pelo conhecimento. Insurgindo amostras sentimentais, que apontam para o contexto histórico cultural do indivíduo referenciado pelas diferentes interações obtidas dentro e fora do contexto escolar.

Assim, Vygotsky (1998), destaca que a produção histórica com caráter social carrega em seu bojo uma ideologia intercedida pela palavra, permeando toda atividade humana e evidenciando as funções psíquicas do sujeito, a partir da internalização que se dá na relação do conhecimento com viés afetivo.

Promover um vínculo afetivo durante o ensinar, impulsiona a aprendizagem do sujeito em constituição, possibilitando que a difusão do conhecimento seja mais receptiva, e beneficie ambas as partes envolvidas na relação pedagógica, aprimorando a didática do educador e tornando a sala de aula mais humanizada e contribuindo com avanços positivos para os alunos.

De acordo com Pino (mimeo), O afetivo se destaca dentre os demais sentimentos humanos em diferentes situações, conduzindo e unindo inúmeras reações que caracterizam o indivíduo. Manifestando-se como um utensílio que aciona pensamentos e ações, através de atitudes e necessidades.

Ainda nessa perspectiva Falabelo (2005) aponta que a afetividade carece de ser intimamente conectada com as práticas de ensino. Todavia, para ultrapassar o modelo mecanizado de ensinar leitura e escrita, passando a utilizá-la como aliada no despertar da aprendizagem significativa. Do mesmo modo, se concebe a obrigação de esclarecer as manifestações emocionais do aluno, tornando oportuna uma conexão sobre seu contexto histórico cultural, para explorar um olhar sobre as relações de aquisição do conhecimento intercedidas pela afetividade.

Durante o percurso de aprendizagem de leitura e escrita, se estabelecem sentimentos como a afetividade, que por vezes podem ser negligenciados, principalmente nas escolas públicas, onde é mais comum a mecanização do ensino dominar em parte a didática dos professores, que perpetuam uma gramática sem significação e não projetam os impactos desse modo de ensino nas séries iniciais e posteriores.

Com base em Vygotsky, Fontana (1997), elucida que os sentimentos em relação ao mundo, explicam a maneira de perceber e representar em sociedade, através do olhar distinto do indivíduo, fortemente marcado pelos direcionamentos atribuídos pelos conhecimentos historicamente acumulados.

Ao considerar que as crianças são seres históricos culturais, é mais provável existir modificação nas práticas mecanizadas que pouco expandem as competências em leitura e escrita. A leitura é de suma importância para a aquisição da escrita, ao ler ampliamos capacidades essenciais como: interpretação, reflexão e decodificação e assim se elabora conclusões sobre diferentes temas, que posteriormente podem ser escritas e divulgadas.

Parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam, preferindo a forma adjetivada à forma substantiva do termo. São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações etc.) um sentido afetivo (PINO (mimeo) pág. 131).

A afetividade constitui-se nas experiências adquiridas, conforme as relações sociais vividas. Nessa conjuntura, o comportamento humano é determinado pelos sentidos e significados edificados no cotidiano da vivência, por meio de inúmeras situações com/sem viés afetivo, que se dão em diferentes lugares e momentos determinando como reagimos à eventos determinados e fatídicos.

As informações que recebemos nos afetam enquanto sujeitos sócio-históricos e contribuem para a compreensão sobre as reações afetivas/emocionais, que estão interligadas aos

processos cognitivos que acontecem em meio as relações de assimilação dos conhecimentos escolares.

3 Metodologia

A pesquisa se pauta na abordagem qualitativa, empregando estudo de caso e entrevista semiestruturada. Conforme elucidam, Bodgan e Biklein, “[...] a pesquisa qualitativa compreende o processo mediante onde as pessoas constroem significados e descreve em que consistem estes mesmos significados” (BODGAN; BIKLEIN, 1994, pág.70).

Os autores também contribuem, com o tipo de estudo eleito para ser utilizado na pesquisa, “o estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (BODGAN; BIKLEIN, 1994, pág.89)

Seguindo, pressupostos da investigação qualitativa com o objetivo de qualificar os dados obtidos no decorrer da pesquisa, fazendo o uso da “visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas (ANDRÉ, 1986, pág.17).

O uso da entrevista semiestruturada, advém desse meio, não exigir uma ordem rígida, permitindo flexibilização durante sua aplicação, como aborda André (1986):

“[...] havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturada, onde não há uma imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações detidas e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica” (ANDRÉ, 1986, p.33).

Por ser flexível, esse modelo de entrevista possibilita que o entrevistado interaja com seu entrevistador e contribua com informações relevantes a respeito do assunto questionado. Permitindo que o diálogo não deixe quem responde constrangido, pois ocorre de forma dinâmica e natural.

Tendo em vista, compreender e contribuir criticamente para com a temática enfatizada na pesquisa, abrangendo os referenciais teóricos empregados. Com intenção de contribuir com uma prática educativa influenciada pela afetividade e assim, cooperar com as escolas do Baixo Tocantins, através do presente trabalho.

4 Resultados e Discussão

O processo ensino/aprendizagem é permeado de interações que acontecem no âmbito escolar e necessitam passar por reflexões. Ao investigar a afetividade como elemento catalisador na aquisição/evolução em leitura e escrita, buscamos evidenciar metodologias que lhe abarcam nesse processo, visando atender as necessidades das crianças para assim lhes propiciar o domínio dessas competências.

Ler é um processo de compreensão que além de complexo é abrangente e para além disso é uma característica ímpar e essencialmente humana. Ao ler o sujeito utiliza sua capacidade de interpretação simbólica através da palavra. Segundo Brandão e Micheletti (2007), a palavra é um signo mutável e flexível, diante dos contextos em que se encontra e se aprofunda de modo histórico e social na vida humana.

“A escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras” (FERREIRO, 1995, pág.10). Nascida em um ambiente cercado por palavras, é imposto a criança o domínio desse produto cultural que é a escrita, assim como outros sistemas elaborados, que advém do empenho coletivo das gerações passadas e presentes.

Contudo, também almejamos analisar se a afetividade influencia na singularidade dos indivíduos durante o processo ensino/aprendizagem, junto as interações sociais de sua vivência. Essa pesquisa, que tem intuito construir uma dissertação de mestrado, encontra-se em andamento. Nesse período vem sendo realizada a leitura analítica das obras para o referencial teórico, junto ao curso das disciplinas obrigatórias do curso de Mestrado em Educação e Cultura, ofertado pela UFPA-Campus Cametá.

5 Considerações Finais

O uso da dimensão afetiva durante o processo ensino/aprendizagem incita considerar o aluno como um sujeito histórico, social e cultural. Porque, a interação que se dá entre o meio físico e o social é intercedida pela linguagem e pela cultura. No ambiente escolarizado e além dele, inúmeras dificuldades comprometem a aprendizagem de uma parcela dos alunos, que cabam por ser rotulados pela incapacidade de dominar no tempo certo, habilidades como a leitura e a escrita.

Dessa maneira, o indivíduo em formação (criança), atua segundo o meio em que vive, sendo fortemene influenciado pelas situações que lhe cerca como: pobreza, fome, diferentes

formas de violência e ausência de acompanhamento escolar, que abrangem sua aprendizagem, porém de modo negativo, comprometendo sua aquisição/evolução escolar.

O aprender se torna mais significativo no que concerne a posse da leitura e da escrita com viés afetivo de forma contextualizada pelas experiências acumuladas pelo aprendiz dentro e fora da escola, também considerando os conhecimentos anteriores à sua escolarização.

Quem lida com a mediação do ensino em sala de aula é o professor, e conseqüentemente lhe é atribuída a falta de progresso total em sua turma, oriunda de uma parcela de alunos que ainda não possuem as habilidades esperadas em leitura e escrita. Contudo, uma aprendizagem com estímulos afetivos provém o alcançar as dificuldades dos alunos para extinguir/amenizar e assim, mudar suas realidades.

Referências

- ANDRÉ, Marli Elisa D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- BODGAN, R. C.; Biklen, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria dos métodos**. Porto: Porto, 1994.
- BRANDÃO, H. H. N; MICHELETTI, G. **Teoria e prática da leitura**. São Paulo: Cortez, 1998.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzalez (et. al.). 24 ed. São Paulo: Cortez. 1995.
- FALABELO, R. N. O. **A indissociável inter-relação afetividade e cognição nos processos de leitura e escrita na educação de jovens e adultos**. Piracicaba: UNIMPE/SP, 2005 (Tese de Doutorado).
- FONTANA, Roseli. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: atual, 1997.
- OLIVEIRA, M. K. **O problema da afetividade em Vygotsky**. In: Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1992.
- PEREIRA, M. Z. C. **Currículo e autopoiese: um espaço vivo de construção do conhecimento**. Anais da 30ª Reunião anual da ANPED. Caxambu, MG. 2007.
- PINO, A. **Afetividade e vida de relação**. Campinas, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (mimeo).
- VYGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes. 1998.